

As Relações Afetivas em *A Mulher que Ri*

Introdução

A literatura produzida por mulheres tem sido escopo de muitas pesquisas, que, por sua vez, se debruçam sobre vários aspectos pertinentes a essa elaboração. Em nossa investigação, tomamos como objeto o livro de contos *A mulher que ri* (2019), de Thays Pretti. Nossa escolha pela autora levou em consideração dois critérios, a saber: [1] ser contemporânea e [2] produzir conhecimento teórico na área de linguagens.

Nesse sentido, encontramos, nas dezoito narrativas que compõem a obra, uma forte inclinação à reflexão do papel da mulher na sociedade, em que as relações afetivas são construídas metaforicamente por elementos que ligam as personagens a uma presença-ausência que permite uma compreensão das rupturas, das perdas, das memórias que se tecem na escritura de Pretti.



Aline Trindade

Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas pela UFMT/CUR e especialista em Literatura brasileira pela Dom Alberto. É professora e apaixonada por literatura brasileira, entusiasta da literatura como fio condutor da aprendizagem em sala de aula.

@alinetrindade (Instagram)



Joémerson de Oliveira Sales

Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas pela UFMT/CUR e mestre em Estudos de Linguagem com ênfase em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Pesquisa o ensino de leitura literária e a produção da crônica contemporânea. É professor e poeta.

@joesalespoeta (Instagram)

Um maluco no pedaço

acrílica sobre tela, 2012
(100x100 cm)

Para tanto, ao organizar nossa discussão de forma didática, destacamos dois contos – *Itsy Bitsy Spider* e *A mulher que não matou seu marido* – para emprendermos nossa interpretação das relações afetivas na escritura da autora supracitada.

A Autora e sua obra

Thays Pretti é conhecida, inicialmente, pelo trabalho que desenvolve em seu canal do *You Tube*¹. Há nessas atividades várias abordagens de como se analisar os textos narrativos, estudo de textos teóricos e leituras realizadas pela autora. Sua primeira publicação ocorreu em 2009, com a obra **Do silêncio**, cujas edições foram esgotadas. Em 2015, a convite, tornou-se cronista do Caderno de Cultura do jornal O Diário do Norte de Paraná. Dessa atividade, reuniu textos que deram origem ao seu segundo livro: **Efêmeras**. No momento, atua com preparação e revisão de textos ficcionais e não ficcionais, além de colaborar com grupos de leitura e revistas de divulgação sobre a literatura.

A MULHER (OU A ARANHA) QUE TECE SEU OUTRO TEMPO

O conto *Itsy bitsy spider* se apresenta de forma irregular pelas margens,

[1] O canal *Desalinho*, segundo Thays Pretti, foi criado para ajudar pessoas que também gostam de ler e escrever com dicas sobre essas práticas, bem como partilha as experiências da autora em seu processo de escrita.

como se sua estrutura seguisse os acontecimentos, como quadros. E esses acontecimentos estão sendo tecidos pela trama da vida, representada pela aranha que tece sua teia, que também tem forma irregular, como um zigue-zague. Para além dessa personagem que costura a trama, notamos duas presenças: marido e esposa. Homem e mulher. Estes são envolvidos junto com o leitor em um tempo que vai se alternando entre cronológico e psicológico até se fundirem de forma que não mais será possível dissociá-los. O tempo cronológico vai se mostrando por meio de um casamento de anos, desgastado pela rotina. As rugas nos rostos são o sinal do tempo transcorrido. E paralelo a isso, o tempo psicológico vai permeando todo o conto e está presente em cada detalhe, principalmente em como a personagem sente a passagem do tempo.

Criou os filhos, criou um lar, criou uma família, criou a vida, criou o próprio marido e então dá-se conta de que não criou a si mesma.

“Foram 10 anos ou 10 décadas?”, a mulher se questiona. Conseguimos sentir o peso de uma mulher que se vê sem identidade, marcada pela presença da fotografia desbotada, na qual já não é mais possível ver com nitidez seu próprio rosto. Assim, a personagem reflete sobre sua existência, percebe que se diminui para caber num espaço ou numa relação. Ela sente o peso do patriarcado em suas costas e se pega pensando sobre os papéis sociais, questiona o que um pai faz ou o que um pai é que ela já não tenha feito ou sido. Criou os filhos, criou um lar, criou uma família, criou a vida, criou o próprio marido e então dá-se conta de que não criou a si mesma.

Enquanto acompanhamos esse processo, sentimos que o espaço no conto abre uma cortina para uma infinidade

de espaços físicos e psicológicos que se entrelaçam como a teia de aranha que continua a tecer, calma, serena. O espaço vai se configurando pela casa, que é o lar dessa família e se entende pelas calçadas, ruas e edifícios. Notamos sinestesia nas sensações de perfume que esse ambiente da rua traz para a personagem, os sons.

O espaço psicológico usa do espaço físico para criar uma apatia gerada pela presença apática do marido. O homem deixa um vazio na casa que a personagem mulher arrasta como grilhões que acorrentam sua alma. Eis que surge então a complicação que poderia até ser óbvia, mas não para essa mulher tão perdida de si: onde está o amor?

AMOR. Se há casamento outrora houve amor. Mas onde ele está nesse momento? A personagem revive sua trajetória de mulher casada e encontra o amor praticamente fora dela. Percebe que vive numa apatia que nem chega a incomodar. A apatia é na verdade uma resignação que toma conta do espaço, do tempo e consome tudo a sua volta. Nem o frenesi do marido com a liberdade que o divórcio lhe proporcionara, agrava o humor dessa mulher.



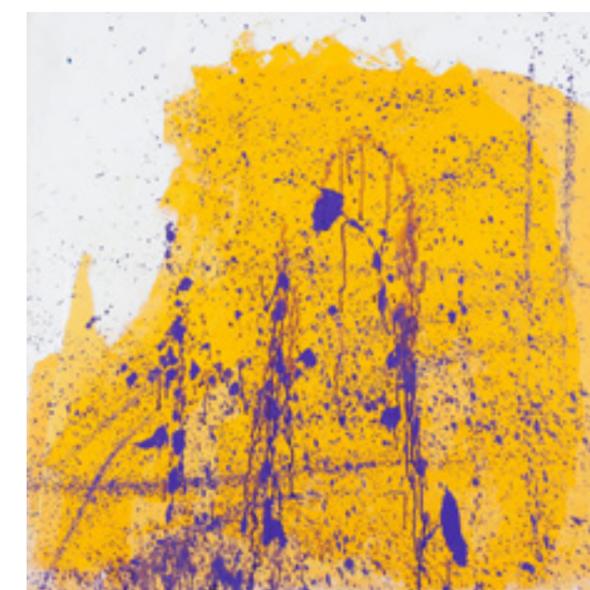
Will Smith
acrílica sobre tela, 2012
(100x120 cm)

O divórcio não comove nem choca a mulher. Não tem como ser deixada por alguém que nunca esteve. Nesse momento, ela só consegue pensar em si, na natureza selvagem que um dia pulsou em seu corpo, mas que aceitou se encolher até sumir para ser esposa, mãe, dona de casa. O marido sempre a tratou como esboço, e ela aceitou isso como verdade. O casamento trouxe a rotina que por sua vez trouxe a mesmice. Sentia-se tão longe de si mesma que num rompante chora um choro engasgado. É o seu clímax, sua catarata. Os expurgos de todos os sentimentos guardados numa caixinha por anos, décadas, talvez? Não sabe.

Agora sente alívio, a princípio pelo fim do casamento, depois por todos os anos sendo esboço de si mesma. E então olha para dentro dessa forma, crua. O que vê? Não vem ao caso, pois a aranha continua a tecer sua teia.

A MULHER QUE (NÃO) MATOU SEU MARIDO

O conto inicia-se a partir de uma



Lúcido
acrílica sobre tela, 2012
(100x100 cm)

afirmação que não traz ao leitor tanta segurança: “Há algo de que se pode ter certeza: Dalila não matou seu marido” (PRETTI, 2019, p. 50). Apesar da ênfase introduzida pelo apostro, a narrativa cresce pela desconfiança a respeito da personagem Dalila. No desenrolar da trama, percebemos que a personagem é uma mulher aparentemente tranquila que se esforça para manter a organização da casa, dos filhos, do marido e do cachorro. Vale destacar a linha argumentativa criada pela narradora que, constantemente, adiciona à narrativa possíveis álibis para a personagem. Vejamos:

Mesmo quando ele chegou mais uma vez alterado pela bebida, irritado. Sem muito controle das pernas, mas ainda com os braços fortes. Mesmo quando ele quebrou coisas e bateu em seu rosto, seu corpo. Mesmo assim, nem por um momento Dalila planejou matá-lo. Se havia ideias, eram lampejos. Nada que se firmasse por muito tempo, nada que Dalila não afastasse rapidamente de seus pensamentos enquanto recolhia as coisas quebradas (PRETTI, 2019, p. 50).

Nesse trecho, percebemos que a narradora afiança, por meio da repetição da expressão “mesmo quando”, que a personagem não cometeu o assassinato de seu esposo; porém, nota-se, também, os motivos que poderiam levá-la a tal ação. Isso, ao passo que vamos conhecendo melhor a personalidade de Dalila. Segundo a descrição feita, ela “gostava de cortar os tomates devagar para ver o sumo surgindo na superfície e escorrendo aos poucos” (PRETTI, 2019, P.51), no entanto não gostava da cor roxa. Desse modo, pode-se destacar que há traços psicológicos de Dalila que sustentam o título do conto: Dalila não matou seu marido; esse foi morto por sua violência, por sua falta de respeito à família, pela dor provocada em sua esposa, na cor Roxa que se torna metonímia de toda violência que desperta as onomatopeias do som da faca sendo amolada.

É importante reparar no uso dos apostos, marcados pelos dois pontos, na composição da trama. Esses segmentos não apenas apresentam uma estrutura explicativa; introduzem ideias que são desdobradas e que servem de pistas para o que aconteceu no enredo. O primeiro,



Yudi
acrílica sobre tela, 2012
(100x100 cm)



M V Bill 1
acrílica sobre tela, 2012
(100x100 cm)

de entrada, afirma-nos que Dalila é inocente; o segundo, coloca a personagem diante da faca e o último deixa nítido o desejo de querer pôr fim à situação enfrentada pela personagem: “errou duas vezes o número” (PRETTI, 2019, p. 55). Acrescida essas considerações, podemos observar no uso dos verbos no infinitivo que são ligados a uma sensação que muito nos diz sobre Dalila: “ela **gostava**² de **cortar** os tomates devagar” e “**destroçar** o frango era **terapêutico**”.

Outro argumento, que permeia o imaginário da literatura, é a desconfiança sobre a natureza feminina. A personagem Capitu, de Dom Casmurro, funciona sempre como metonímia desta significação; no entanto, muito anterior a ela, encontramos – na narrativa bíblica desde o primeiro livro – esse talvez que perdura sobre o universo feminino. Logo, é inevitável não comparar a Dalila do espaço literário à Dalila do espaço bíblico. No capítulo 16 do livro de Juízes no Antigo Testamento, somos apresentados ao enredo da mulher que traiu um dos juízes de Israel: Sansão. Nesse contexto, associamos entre as personagens a mesma predisposição ao ato da morte, embora a personagem do conto o fez para livrar-se da relação abusiva, enquanto a outra o fez por suborno. Desse modo, a trama de Pretti atualiza o discurso religioso subvertendo-o ao cenário contemporâneo e assim positivando a ação de Dalila.

Logo, se é a literatura – conforme defende James Wood (2017) – quem nos ensina a olhar os detalhes da vida, é, portanto, a escritura de Pretti quem nos mostra – com precisão – essa operação. A faca é o símbolo que rompe a visão passiva de Dalila. Sua vida cotidiana seria normal se não fosse a agressividade de seu segundo esposo. No entanto, será que Dalila era mesmo uma mulher calma? Os ossos que o cachorro encontra no quintal poderiam

ser de seu primeiro marido? O osso que deu fim à vida de seu segundo esposo fora posto a fim de acabar com toda dor, temendo que o pior acontecesse consigo e seus filhos? São perguntas que não serão respondidas, pois é esse o efeito da literatura, ensejar a dúvida.

Considerações finais

Esta ligeira análise dos contos de Thays Pretti revela que a sua escritura se inclina, enquanto produção discursiva, para o desvelamento do protagonismo feminino diante de assuntos que são pautas no cenário contemporâneo. Diante dessas narrativas, podemos contemplar que a busca pela identidade e a violência doméstica são questões que precisam ser reelaboradas à luz do contexto ficcional, uma vez que as mulheres precisam dar voz às suas angústias, além de expressarem suas perspectivas de mundo.

Outrossim, as narradoras desses contos nos impõem um impasse a ser refletido em desfechos abertos – ora, pela ausência do amor, ora, pelo mistério ensejado pela morte de um marido violento. Desse modo, vemos em cena a literatura em seu melhor modo: uma revolução no mundo da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA, A. T. Juízes. In BÍBLIA. Português. **A bíblia sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2012. p. 364-366.

PRETTI, Thays. **A mulher que ri**. São Paulo: Patuá, 2019.

WOOD, James. **A coisa mais próxima da vida**. Tradução de Célia Euvaldo. SESI: São Paulo, 2017.

[2] Grifos feitos pelos pesquisadores.